

O PAPEL DO GÊNERO “REPORTAGEM” NA CONSTITUIÇÃO DOS TIPOS DE DISCURSO

Gustavo Ximenes CUNHA

Universidade Federal de Minas Gerais/CNPq

ximenescunha@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho parte da constatação de que, na Análise do Discurso, os tipos de discurso (narração, descrição, argumentação) são definidos, de forma mais ou menos consensual, como um conjunto reduzido de categorias que entram na composição dos vários gêneros de discurso (reportagem, entrevista, romance, conferência, etc) existentes na sociedade. Em seguida, centrando a atenção no estudo do tipo narrativo, apresenta o modo como um modelo teórico-metodológico da Análise do Discurso, o Modelo de Análise Modular do Discurso, estuda a relação entre os tipos e os gêneros, mostrando sua articulação profunda. Neste trabalho, o exame das formas de organização sequencial e composicional, especializadas na análise dos tipos e das sequências discursivas no modelo modular, é feito com base no estudo do gênero “reportagem” e do tipo narrativo.

Palavras-chave: gênero “reportagem”; tipos de discurso; modularidade.

Na Análise do Discurso, os tipos de discurso (narração, descrição, argumentação) são definidos, de forma mais ou menos consensual, como um conjunto reduzido de categorias que entram na composição dos vários gêneros de discurso (reportagem, entrevista, romance, conferência, etc) existentes na sociedade. Nessa definição, os gêneros não exercem influência especial sobre a constituição dos tipos de discurso. Mas, ainda que intuitivamente, sabemos que não se narra da mesma forma em um romance e em um boletim de ocorrência.

Nesse sentido, este trabalho, centrando a atenção no estudo do tipo narrativo, apresenta o modo como um modelo teórico-metodológico da Análise do Discurso, o Modelo de Análise Modular do Discurso, estuda a relação entre os tipos e os gêneros, mostrando sua articulação profunda.

Em linhas gerais, o modelo modular configura-se como um sistema de análise, que integra e articula as dimensões linguística, textual e situacional da organização do discurso. Reconhecendo que o discurso é um objeto complexo, cuja organização e cujo funcionamento envolvem aspectos de diferentes dimensões, Roulet (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) postula que o discurso pode, inicialmente, ser decomposto em um número restrito de subsistemas de informações (ou módulos¹). Descritos os módulos, que definem as informações de base que participam do discurso, o modelo considera que essas informações

¹ Cada dimensão do discurso se constitui de módulos. Assim, a dimensão linguística se constitui dos módulos lexical e sintático; a dimensão textual se constitui do módulo hierárquico; e a dimensão situacional se constitui dos módulos interacional e referencial.

podem ser combinadas em formas de organização, a fim de se descreverem os diferentes aspectos envolvidos na produção e na interpretação da organização discursiva².

No modelo, o estudo dos tipos e da influência que os gêneros sobre eles exercem se faz no interior de duas formas de organização: a sequencial e a composicional. Neste trabalho, a análise de uma sequência narrativa extraída de uma reportagem será feita conforme a metodologia proposta em cada uma dessas formas de organização.

1. Estudo da forma de organização sequencial

Essa forma de organização se ocupa da segmentação do discurso em sequências. Para isso, busca, de um lado, definir uma tipologia discursiva que possa ser aplicada a todas as produções languageiras e, de outro, extrair as sequências discursivas em que os tipos de discurso se atualizam.

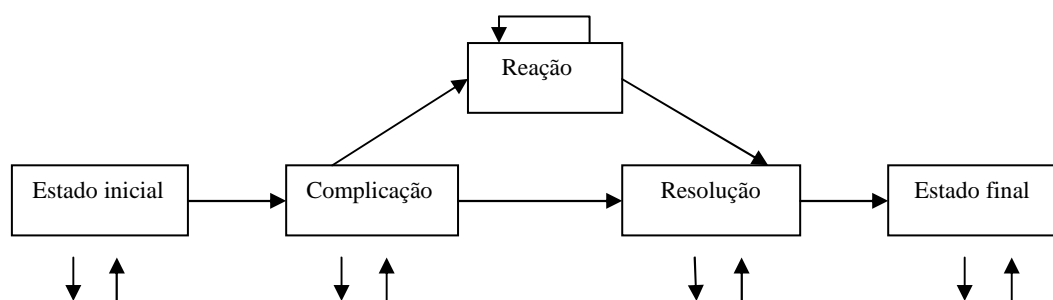
Nessa forma de organização, a definição dos tipos e a segmentação do discurso em sequências mobilizam informações do módulo referencial, responsável por definir esses recursos psicológicos, e do módulo hierárquico, responsável por definir os processos textuais em que esses recursos se manifestam. Combinando informações desses dois módulos, Filliettaz (1999, ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) propõe uma tipologia formada por três tipos de discurso (narrativo, descritivo, deliberativo). Esses tipos constituem representações abstratas, cuja função é possibilitar a emergência das sequências discursivas (narrativas, descritivas e deliberativas). No próximo item, trataremos especialmente do tipo narrativo, objeto de estudos deste trabalho.

1.2 Os tipos de discurso

No modelo, o tipo narrativo é definido como “o esquema de uma intervenção textual, tendo por propriedade designar uma pluralidade de acontecimentos disjuntos do mundo comum, no qual acontece o processo da comunicação” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 316). Essa definição geral revela a complexidade desse tipo, que se caracteriza com a ajuda de noções referenciais (a “cadeia culminativa de acontecimentos” e a “disjunção de mundos”) e de uma noção textual (a “intervenção”).

Para tratar das noções referenciais, cujo estudo se faz no interior do módulo referencial, Filliettaz (1999) defende que as diferentes formas de expressão da narratividade representam acontecimentos que se articulam em uma cadeia culminativa. A hipótese dessa cadeia repousa sobre a ideia de que toda história pressupõe uma tensão entre acontecimentos desencadeadores e acontecimentos conclusivos, a qual decorre da transformação dos personagens e da situação em que se encontram inicialmente implicados. No modelo modular, essa cadeia culminativa de acontecimentos se representa da seguinte forma:

² As formas de organização consideradas pelo modelo são: fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial, operacional, periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica.



A forma como uma sequência narrativa específica atualiza a cadeia culminativa de acontecimentos, aproximando-se ou afastando-se da representação típica, está intimamente ligada à segunda noção referencial com que se define o tipo narrativo: a noção de disjunção de mundos.

Seguindo as proposições de Bronckart (2007), Filliettaz considera que “toda produção linguageira conduz necessariamente à criação de um **mundo discursivo** que se distingue teoricamente das coordenadas do **mundo comum** das atividades humanas” (FILLIETTAZ, 1999, p. 281). Embora esses mundos sejam distintos, suas coordenadas espaciais e temporais podem estabelecer entre si relações de conjunção ou disjunção.

O tipo narrativo conduz à criação de um mundo discursivo que é diverso daquele em que se desenvolve o processo interacional. Em outras palavras, o tipo narrativo opera uma disjunção entre o mundo que o discurso representa (o mundo da história) e o mundo no qual o discurso é produzido (mundo em que se dá a atividade de narrar essa história).

Se, por um lado, o tipo narrativo se aproxima de outras formas semióticas de narratividade (balé, pintura) por representar uma cadeia culminativa de acontecimentos disjunta do mundo comum em que ocorre a atividade de narrar, por outro lado, esse tipo se diferencia dessas formas por se ancorar em configurações textuais (FILLIETTAZ, 1999, ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, CUNHA, 2010). No modelo modular, o estudo das configurações textuais se faz no interior do módulo hierárquico, que busca definir as categorias e as regras que permitem gerar as estruturas hierárquicas de todo tipo de texto, dialógico ou monológico, oral ou escrito.

Segundo Filliettaz (1999), os tipos de discurso se ligam a unidades textuais de natureza monológica. Assim, o componente textual que entra na formulação dos tipos de discurso é a intervenção, que corresponde à unidade intermediária constitutiva da troca linguageira.

Como se pode observar, o tipo narrativo é uma noção complexa, porque resulta da combinação de informações de naturezas diferentes. Do ponto de vista referencial, o tipo narrativo se caracteriza pelas noções de “cadeia culminativa de acontecimentos”³ e de

³ Assim como o tipo narrativo, o descritivo se caracteriza por uma representação referencial típica, a qual, com base nos trabalhos de Adam (1992), se define como uma configuração de operações cognitivas (*ancoragem, aspectualização, relação e tematização*). Já o tipo deliberativo, ao contrário do narrativo e do descritivo, não se caracteriza, segundo Filliettaz (1999) e Roulet; Filliettaz; Grobet (2001), por configurações referenciais próprias, constituindo, por isso, “uma espécie de ‘grau zero’ de um modelo tipológico” (FILLIETTAZ, 1999, p. 292).

“disjunção de mundos”. Do ponto de vista hierárquico, os tipos discursivos, e não só o narrativo, se caracterizam pela noção de “intervenção textual”.

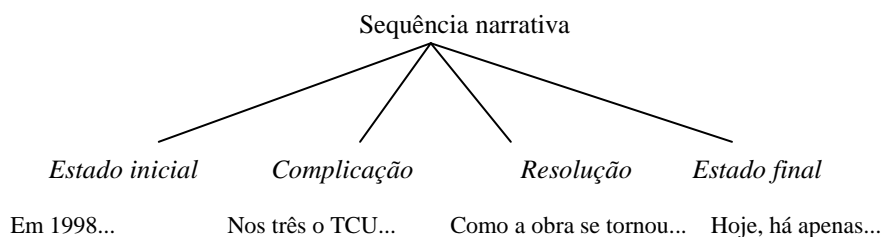
1.3 – As sequências discursivas

As sequências discursivas são conceituadas, no modelo, como segmentos textuais empíricos, que manifestam efetivamente algumas propriedades dos tipos. Nessa perspectiva, as representações esquemáticas (referenciais e textuais) que constituem os tipos de discurso devem funcionar como princípios que permitam extrair as estruturas emergentes (referenciais e textuais) que constituem as sequências discursivas.

Para verificar como o tipo narrativo auxilia na identificação de uma sequência narrativa, utilizarei o segmento discursivo abaixo, retirado da reportagem “Desvios subterrâneos”, publicada em janeiro de 2010 na revista *Veja*⁴.

(01) Em 1998, (02) mineiros e capixabas se animaram com o início da construção da BR-342, (03) que ligaria o norte do Espírito Santo a Minas Gerais. (04) Para pavimentar os 106 quilômetros da rodovia, (05) foram celebrados três contratos com duas empreiteiras. (06) Nos três (07) o TCU encontrou sobrepreço – sempre na casa de 50% do valor global. (08) Além disso, parte dos serviços que as empreiteiras alegam ter executado não foi fiscalizada pelo governo. (09) Por fim, o valor dos contratos aumentou sem nenhuma justificativa técnica. (10) Uma estranheza atrás da outra. (11) Como a obra se tornou um sorvedouro de dinheiro público, (12) o TCU pediu sua paralisação. (13) Hoje, (14) há apenas 33 quilômetros asfaltados. (15) Outros 27 quilômetros são transitáveis, (16) mas ainda não receberam uma gota de asfalto. (17) Nos 46 quilômetros restantes, (18) a obra nem sequer foi iniciada.

Do ponto de vista referencial, esse segmento constitui uma sequência narrativa, porque expressa uma série de acontecimentos disjuntos do mundo em que se dá o processo de comunicação entre leitor e jornalista. No mundo representado, acontecimentos anteriores parecem funcionar como a causa de acontecimentos posteriores, obedecendo a uma lógica ao mesmo tempo causal e temporal, o que pode ser representado por meio desta estrutura praxeológica.

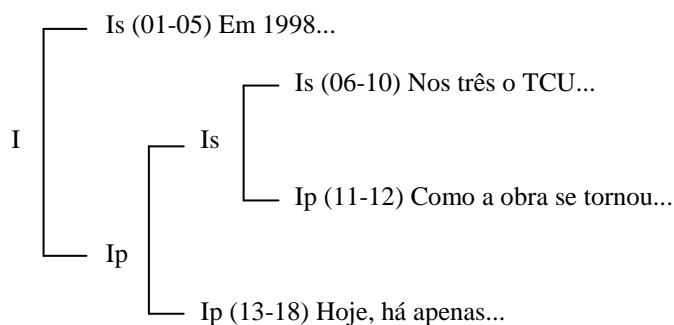


Após um *estado inicial*, em que se apresentam as coordenadas temporais (Em 1998) e espaciais (a BR-342, Espírito Santo e Minas Gerais) do mundo representado, bem como alguns personagens implicados (mineiros, capixabas e empreiteiros), segue a *complicação* da história, a qual se refere à descoberta de várias irregularidades nos contratos e na condução das obras de construção da rodovia. Como consequência dessas irregularidades, o Tribunal de Contas da União (TCU) pediu a paralisação das obras, informação que constitui a *resolução* da história. Por fim, o *estado final* traz a situação atual da rodovia.

⁴ A numeração indica a segmentação do discurso em atos textuais.

Essa estrutura deve ser compreendida como uma atualização da cadeia culminativa de acontecimentos, não devendo ser confundida com essa cadeia. De fato, essa estrutura expressa apenas uma configuração particular dos inúmeros percursos possibilitados pela cadeia de acontecimentos e tem como finalidade explicitar algumas propriedades emergentes dessa sequência narrativa.

Do ponto de vista textual, essa sequência pode ser descrita por meio da seguinte macro-estrutura de intervenção⁵.



Nessa estrutura, a função de “pano de fundo” ou de “segundo plano”, que tipicamente se associa às informações expressas no *estado inicial*, corresponde ao estatuto de subordinado da intervenção em que esse episódio se ancora. A intervenção que expressa a decisão do TCU de paralisar as obras (*resolução*) é principal em relação àquela que expressa as várias irregularidades envolvendo essas obras (*complicação*). Nesse caso, a importância da medida tomada pelo TCU corresponde ao estatuto de principal da intervenção que verbaliza essa medida. Finalmente, a intervenção que apresenta a situação atual da rodovia (*estado final*) subordina todas as outras intervenções, porque informa como a rodovia está hoje, após todos os acontecimentos narrados.

Assim como o tipo narrativo, a sequência narrativa também combina informações de ordem referencial (disjunção de mundos e estrutura praxeológica) e de ordem textual (estrutura hierárquica de intervenção). A diferença entre essas noções é que a sequência, ao contrário do tipo, diz respeito a uma realização efetiva dos variados percursos previstos pelas representações abstratas e descontextualizadas que compõem o tipo.

Embora a análise promovida pela forma de organização sequencial permita identificar algumas propriedades emergentes das sequências, ela não se ocupa do tratamento de muitas outras propriedades, como marcação linguística e funções cotextuais e contextuais. Por isso, o seu estudo constitui, na abordagem modular, uma primeira etapa da análise da forma de organização composicional, que busca oferecer uma descrição das múltiplas propriedades emergentes das sequências discursivas.

2 – Estudo da forma de organização composicional

⁵ Intervenção = I, principal = p, subordinado = s.

Nessa forma de organização, o objetivo é ultrapassar a análise estrutural oferecida pela etapa anterior, realizando um estudo pormenorizado das propriedades formais e funcionais das sequências discursivas. Nesse sentido, após a identificação dos tipos e a segmentação do discurso nas sequências que o compõem, é possível agora, nesta etapa, completar a análise da heterogeneidade composicional, investigando as especificidades linguísticas e hierárquico-relacionais das sequências, bem como as funções que exercem em relação ao cotexto e ao contexto.

2.1 – A marcação linguística das sequências

Para investigar marcação linguística das sequências discursivas, Filliettaz (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 340) considera que “independentemente da categoria tipológica a que pertençam, os segmentos de discurso apresentam **efeitos composicionais** que especificam as suas propriedades emergentes”. Assim, uma mesma sequência pode apresentar uma quantidade maior ou menor de marcas referentes a três categorias de efeitos composicionais: os argumentativos, os autotélicos e os narrativos.

Os efeitos argumentativos se manifestam em sequências que apresentam, no plano linguístico, conectores argumentativos, contra-argumentativos e reformulativos, expressões modais, vocabulário axiológico e verbos flexionados no presente, no futuro e no passado composto. Esses efeitos se manifestam também em sequências, cujos constituintes textuais se ligam por relações discursivas de argumento, contra-argumento, reformulação, clarificação e comentário.

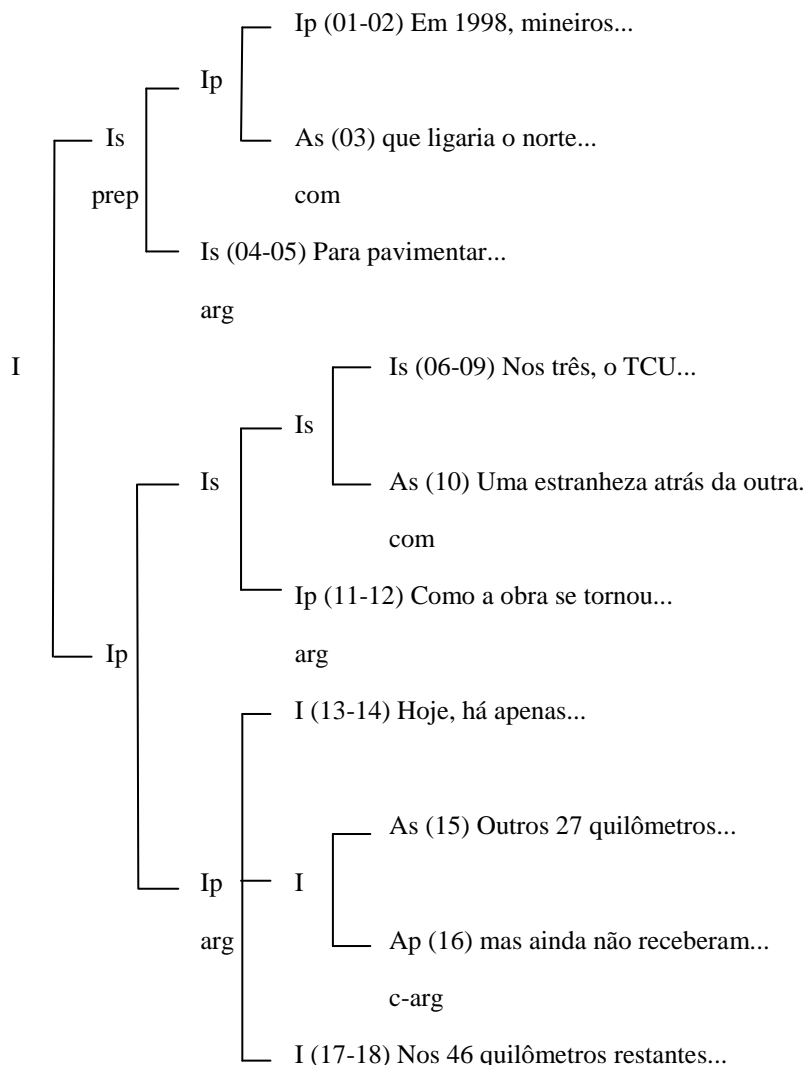
Já os efeitos autotélicos se manifestam em sequências que apresentam diferentes formas de paralelismos fônicos, lexicais, semânticos, sintáticos e textuais.

Por fim, os efeitos narrativos podem se manifestar em qualquer tipo de sequência e não só nas narrativas e se caracterizam, no plano linguístico, pela presença de organizadores e de conectores temporais e de verbos flexionados no passado simples, no imperfeito e no mais-que-perfeito. Esses efeitos se manifestam ainda em sequências, que, no plano relacional, apresentem constituintes textuais ligados por relações discursivas de preparação e de sucessão.

Para ilustrar como os efeitos composicionais especificam as propriedades linguísticas e textuais das sequências, retomo a sequência narrativa estudada anteriormente. Essa sequência se caracteriza por manifestar, em maior medida, efeitos argumentativos e, em menor medida, efeitos narrativos.

No plano linguístico, os efeitos argumentativos se manifestam na frequência de conectores argumentativos e contra-argumentativos (*para, além disso, como, mas*), de expressões modais (*apenas, ainda, nem sequer*), de vocabulário axiológico (*estranheza, sorvedouro de dinheiro público*) e de verbos flexionados no presente (*alegam, há, são*). Já os efeitos narrativos se manifestam apenas na frequência de verbos flexionados no pretérito perfeito (*animaram, aumentou, tornou*) e na presença de um verbo flexionado no futuro do pretérito (*ligaria*).

Para verificar os efeitos argumentativos e narrativos no plano relacional, é preciso analisar a estrutura hierárquico-relacional dessa sequência⁶.



Nessa estrutura, os efeitos argumentativos se manifestam na presença de relações de discurso argumentativas, contra-argumentativas e comentativas. É interessante observar que as intervenções que expressam a *complicação* (Is 06-10), a *resolução* (Ip 11-12) e o *estado final* (Ip 13-18) da sequência se articulam por meio de relações de argumento. Assim, a *complicação*, informando um conjunto de irregularidades na obra de construção da rodovia, funciona como argumento para o pedido de paralisação dessa obra pelo TCU, o que é informado na *resolução*. Da mesma forma, a intervenção que expressa a *complicação* e a

⁶ Nessa estrutura, as indicações acerca das relações de discurso entre constituintes do texto – argumento (arg), contra-argumento (c-arg), comentário (com) e preparação (prep) – são inseridas sob os constituintes textuais da estrutura hierárquica.

resolução funciona como argumento para justificar o *estado final*, que informa por que até hoje a rodovia não foi terminada.

Os efeitos narrativos, por sua vez, se manifestam somente pela presença de uma relação de preparação, por meio da qual o autor liga o *estado inicial* (Is 01-05) ao restante da sequência. Nesse sentido, esse episódio, situando o mundo representado no tempo e no espaço, prepara o leitor para as informações expressas nos episódios subsequentes.

Como essa análise permite notar, o estudo dos efeitos composicionais que caracterizam, em diferentes graus, as sequências discursivas resulta da combinação de informações da forma de organização sequencial (sobre a definição das sequências discursivas), dos módulos lexical e sintático (sobre as marcas linguísticas) e da forma de organização relacional (sobre as relações de discurso).

2.2 – As funções cotextuais das sequências

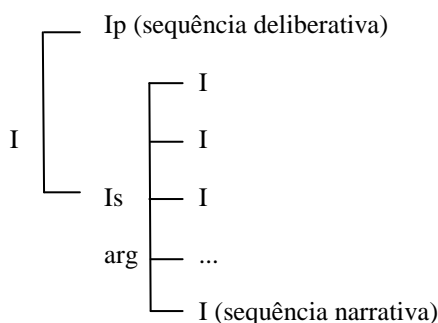
A análise das funções cotextuais das sequências se faz com o auxílio de informações extraídas da forma de organização relacional, que, de modo geral, procura identificar as relações ilocucionárias e interativas genéricas e específicas entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva.

A combinação do estudo da forma de organização sequencial e do estudo da forma de organização relacional permite analisar as funções que as sequências discursivas exercem em relação ao contexto, porque evidencia as relações de discurso existentes entre as sequências na macroestrutura do discurso.

A sequência narrativa que venho analisando permite verificar esse processo. Essa sequência constitui o último parágrafo de uma extensa reportagem, que se intitula “Desvios subterrâneos” e que busca denunciar casos de desvios de verba federal em obras localizadas em diferentes partes do país. Na parte intermediária da reportagem, o autor traz a seguinte sequência deliberativa:

Com tantos sorvedouros de dinheiro público, o TCU não consegue tapar todos os buracos. (...) É um grande trabalho, que precisa ser mantido e ampliado. Afinal, como ensina o caso do túnel do metrô de Fortaleza, citado no início da reportagem, quanto mais se analisam as obras públicas no Brasil, mais se percebe que a lama está por todos os lados.

Em seguida, o autor apresenta vários casos de obras públicas, que foram paralisadas pelo TCU, por causa de irregularidades verificadas na aplicação das verbas. O último desses casos é relatado na sequência narrativa em análise. Represento a articulação dessas sequências discursivas por meio desta estrutura.



Essa estrutura mostra que os vários casos de desvios de verba federal são apresentados em intervenções coordenadas, como em uma lista de exemplos de irregularidades em obras públicas. Essas várias intervenções formam uma grande intervenção, cuja função é atuar como argumento (arg) para defender as informações expressas na sequência deliberativa. Por isso, essa grande intervenção é subordinada em relação à sequência deliberativa. Dessa forma, a narrativa sobre os problemas na construção da BR-342 funciona, na reportagem, como um exemplo de que, “quanto mais se analisam as obras públicas no Brasil, mais se percebe que a lama está por todos os lados”.

Com essa análise macrodiscursiva, é possível relativizar a aparente estanqueidade das sequências discursivas em relação ao cotexto. Afinal, a manifestação intensa de efeitos composicionais argumentativos na sequência narrativa em estudo pode ser explicada, em grande medida, pela função de argumento que ela exerce em relação à sequência deliberativa que a subordina no nível macro-textual do discurso.

2.3 – As funções contextuais das sequências

Tendo em vista o impacto que os gêneros de discurso exercem sobre a constituição das sequências discursivas, Filliettaz e Grobet (1999) consideram que o estudo da heterogeneidade composicional não pode prescindir do estudo das representações genéricas mobilizadas pelos agentes em uma dada situação de comunicação. Nesse sentido, estudar as funções contextuais que uma sequência exerce é estudar o impacto do gênero de discurso sobre a emergência dessa sequência.

Buscando contribuições de Bronckart (2007), para quem a questão dos gêneros se articula às atividades que os agentes realizam e às finalidades ligadas a essas atividades, Filliettaz e Grobet (1999, p. 250) defendem que “a problemática genérica pode ser tratada no quadro mais geral da *análise acional* e que ela se reduz, em larga medida, às questões ligadas às *visadas* que subjazem às produções discursivas”. No modelo, o estudo das visadas acionais se faz no interior do módulo referencial. Por isso, o estudo das funções contextuais das sequências discursivas resulta da combinação de informações desse módulo e da forma de organização sequencial.

Em trabalhos sobre a comunicação midiática (SIMUNIC, 2004, CHARAUDEAU, 2006), a reportagem é caracterizada como um gênero que possui uma dupla visada: informar e captar. Por um lado, o jornalista deve “fazer saber ao cidadão o que aconteceu ou o que está acontecendo no mundo da vida social” (CHARAUDEAU, 2006, p. 87). Ao agir dessa forma,

ele atende à visada de informação. Por outro lado, a concorrência comercial entre vários organismos de informação obriga o jornalista a se valer de estratégias para captar o maior número possível de leitores, no caso da reportagem impressa. Agindo dessa forma, ele atende à visada de captação.

Essas duas visadas, que, segundo o modelo modular, ajudam a definir o gênero reportagem, têm impacto sobre a construção da sequência narrativa em análise. Diferentes propriedades dessa sequência permitem perceber que o jornalista, por meio dela, busca, ao mesmo tempo, informar e captar o leitor.

Sobre a visada de informação, a cadeia de acontecimentos, relatando irregularidades na construção de uma rodovia, procura chamar a atenção do cidadão para um problema que ocorreu na esfera pública, favorecendo uma reflexão geral sobre a utilização indevida de recursos públicos. Da mesma forma, a ausência de elementos dêiticos remetendo ao jornalista, como pronomes e desinências verbais de primeira pessoa, tem como fim produzir um efeito de objetividade, como se os acontecimentos se apresentassem em seu estado bruto, sem o intermédio de uma instância de recapitulação desses acontecimentos (o jornalista). Nesse sentido, a visada de informação que caracteriza o gênero reportagem explica, em parte, propriedades referenciais e linguísticas da sequência narrativa.

Sobre a visada de captação, a manifestação maciça de efeitos composicionais argumentativos, como relações argumentativas, vocabulário axiológico e advérbios modalizadores, bem como a função de argumento dessa sequência em relação ao cotexto sinalizam, por parte do jornalista, a tentativa de convencer o leitor de um ponto de vista, que pode ser traduzido da seguinte forma: “Se não fosse a fiscalização do TCU, a construção da BR-342 seria um meio para empreiteiras desviarem dinheiro público”. Ao tentar convencer o leitor sobre esse ponto de vista, o jornalista procura transformá-lo em um consumidor cativo do suporte que veicula a reportagem, já que o leitor, se convencido desse ponto de vista, poderá ver nesse suporte um instrumento adequado de denúncia. Como se vê, a visada de captação explica, em grande medida, a frequência de recursos argumentativos empregados na construção da sequência, assim como o seu modo de articulação na configuração macroestrutural da reportagem.

Considerações finais

Com a apresentação dessas formas de organização, é possível perceber que o estudo da heterogeneidade composicional, no Modelo de Análise Modular do Discurso, se faz com base na análise cumulativa e não simultânea de informações oriundas de diferentes módulos e formas de organização. Na primeira etapa, o estudo da forma de organização sequencial permite, por meio da combinação de informações referenciais e hierárquicas, elaborar uma tipologia de sequências discursivas e segmentar produções discursivas particulares nas sequências que as compõem. Na segunda etapa, o estudo da forma de organização composicional permite descrever a marcação linguística das sequências, bem como as funções cotextuais e contextuais que desempenham, combinando os resultados da análise sequencial com informações dos módulos lexical, sintático e referencial e da forma de organização relacional.

Esse empreendimento, ao mesmo tempo, amplo e preciso tem como finalidade oferecer uma abordagem que dê conta não apenas das informações linguísticas que participam

da construção das sequências. Ele busca também levar em consideração as informações textuais, que possibilitam descrever a articulação das sequências no interior de um discurso, e as informações referenciais, que permitem elaborar uma tipologia sequencial e explicitar as relações entre as sequências e o ambiente interacional e social em que emergem.

Nesse sentido, o modelo modular apresenta instrumentos de análise eficazes para o estudo do impacto dos gêneros de discurso sobre a constituição dos tipos de discurso, explicitando a articulação profunda que há entre essas duas noções. Neste trabalho, verificamos as influências que o gênero “reportagem” impõe sobre a construção de uma sequência narrativa, a qual, em função dessas influências, é marcada por efeitos composicionais argumentativos, exerce a função de argumento na macro-estrutura do discurso e atua como uma estratégia importante de captação do leitor.

Referências

ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2007.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, G. X. A atuação de sequências do tipo narrativo em um texto jornalístico impresso. *Revista do GEL*, v. 7, p. 202-219, 2010.

FILLIETTAZ, L. Une approche modulaire de l'hétérogénéité compositionnelle du discours: Le cas des récits oraux. *Cahiers de linguistique française*, v. 21, p. 261-327, 1999.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

SIMUNIC, Z. Une approche modulaire des stratégies discursives du journalisme politique. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Genebra, Genebra, 2004.